

## ESCRITA E VIVÊNCIA EM “QUARTO DE DESPEJO: DIÁRIO DE UMA FAVALADA”, DE CAROLINA MARIA DE JESUS

JARDEL SANTOS<sup>1</sup>; ALFEU SPAREMBERGER<sup>2</sup>

<sup>1</sup>*Universidade Federal de Pelotas – jardelsantos2004@gmail.com*

<sup>2</sup>*Universidade Federal de Pelotas – alfeu.sparemberger@ufpel.edu.br*

### 1. INTRODUÇÃO

A disciplina de Literatura Brasileira II, do curso de Letras da Universidade Federal de Pelotas (UFPel), possibilitou o debate da obra “Quarto de Despejo: Diário de uma favelada”, de Carolina Maria de Jesus (1914-1977), o que provocou o olhar para os atravessamentos que foram relatados em seu diário íntimo, como as questões de gênero, raça e classe. A forma como esses três pontos conversam são interpretados a partir da obra “Mulheres, Raça e Classe”, de Angela Davis (1982), pois é a partir dela que se reconhece como o racismo estrutural, advindo de todo o período da escravização, somado a um modelo patriarcal de sociedade, que subjuga as mulheres e coloca-as em uma posição inferior, possibilitarão a formação de um sujeito marginalizado e que sobrevive em condições desumanas, como é o caso de Carolina.

Essa pesquisa usará como base, então, para além de Angela Davis, o conceito de interseccionalidade trazido pela autora brasileira Carla Akotirene em sua obra “Interseccionalidade” (AKOTIRENE, 2023), para que seja possível relacionar também o fato de Carolina Maria de Jesus ser mãe solo de três crianças, catadora de recicláveis e mesmo assim conseguir ser uma intelectual e escritora brilhante, embora tenha sido negligenciada no seu tempo e resgatada na contemporaneidade. Segundo Akotirene, interseccionalidade:

[...] demarca o paradigma teórico e metodológico da tradição feminista negra, promovendo intervenções políticas e letramentos jurídicos sobre quais condições estruturais o racismo, sexismo e violências correlatas se sobrepõe, discriminam e criam encargos singulares às mulheres negras. (AKOTIRENE, p. 59, 2023).

Assim, seria preciso refletir sobre a sobreposição de uma violência à outra, quando se hierarquizam ou se compararam as diferentes discriminações. Se levantando o questionamento: “qual o motivo da desigualdade social?” O movimento negro dirá que é o racismo, que impede de forma estrutural, institucional e velada a superação de um sistema escravocrata presente até então; o feminismo explicará isso por meio do patriarcado, que criou um sistema de poder e opressão às mulheres. Mas quem explica as mulheres negras? Em teoria, ambos as contemplam. Quando se analisam as particularidades de cada movimento em ação, vemos, no entanto, a exclusão histórica das identidades que são atravessadas por inúmeras violências: como é o caso das mulheres, a negritude, as pessoas com deficiências, os LGBTQIAPN+, os marginalizados etc.

Soma-se à teoria da interseccionalidade a pertinência e indispensabilidade de considerar, nos estudos aqui propostos, uma perspectiva baseada no que Conceição Evaristo denominou como “escrevivência”. Para a autora:

Escrivivência, em sua concepção inicial, se realiza como um ato de escrita das mulheres negras, como uma ação que pretende borrar, desfazer uma imagem do passado, em que o corpo-voz de mulheres

negras escravizadas tinha sua potência de emissão também sob o controle dos escravocratas, homens, mulheres e até crianças. E se ontem nem a voz pertencia às mulheres escravizadas, hoje a letra, a escrita, nos pertencem também (EVARISTO, 2020, p. 11).

Evaristo propõe que a vida, sobretudo a das mulheres negras, também é matéria de literatura, sem ser necessário “ficcionalizar”, pois as suas vivências já carregam uma potência poética e estética. A escrevivência surge, deste modo, como uma forma literária enraizada nas experiências vividas pelas mulheres negras e acaba por inscrever-se na literatura como uma forma de resistência, de memória, de subjetividade e de pertencimento.

## 2. METODOLOGIA

Este trabalho de pesquisa foi desenvolvido por meio de uma análise bibliográfica, tendo como centro o livro “Quarto de Despejo: Diário de uma favelada”. A partir dele, buscou-se compreender de forma qualitativa aspectos relevantes, como a noção de escrevivência, proposta por Conceição Evaristo, e interseccionalidade, sintetizada por Carla Akotirene.

## 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Mineira, moradora da favela do Canindé, às margens do rio Tietê, Carolina (como gostava de ser chamada) era catadora de recicláveis, cujos ganhos absurdamente insuficientes, beirando a exploração, eram o único meio de subsistência da família. Mãe solo de três filhos — José Carlos, João José e Vera Eunice — e com “apenas dois anos de grupo escolar” (JESUS, 2020, p. 16), decidiu escrever um livro, em forma de “diário”, referente à favela: “Hei de citar tudo que aqui se passa. E tudo que vocês me fazem. Eu quero escrever o livro, e vocês com estas cenas desagradáveis me fornece os argumentos” (p.20)<sup>1</sup>. Ao mesmo tempo em que Carolina demonstrava ser o retrato puro da miséria, da fome e do descaso do sistema, ela se achava um corpo estranho àquele lugar. Seu gosto pela leitura e pela escrita destoava da realidade da favela: “Nunca vi uma preta gostar tanto de livros como você” (p.26) — seu João lhe disse um dia. Carolina é a imagem da intelectualidade negra invisibilizada, mas que almeja ser vista/escutada.

A condição sócio-econômica de Carolina pode ser explicada a partir das reflexões e análises feitas em cima dos marcadores de gênero e raça, primordialmente. Ao contar parte da sua história em seu diário, que vai de 1955 até 1960, pode-se compreender a relação daquele corpo negro e feminino com o lugar a sua volta, e dele com os demais corpos (que também possuem suas marcas e histórias, as quais não foram alvo desta pesquisa). Carolina vive em uma favela de São Paulo, que ela denomina ser o quarto de despejo, pois é onde se joga tudo aquilo que não é apresentável para a classe dominante. Historicamente, as favelas foram formadas por pessoas negras, em função da escravização e de todo o processo de abolição que não contou com um plano nacional de desenvolvimento e acolhimento dessas pessoas, o que levou à marginalização delas. A compreensão disso é fundamental para entender por que a obra será narrada da favela e ela será retratada como um lugar de dor e sofrimento, diferentemente do que é mostrado para a maioria dos turistas que,

<sup>1</sup> As citações da obra preservam a escrita da autora, sem realizar correções com base na variante linguística de prestígio.

hoje, podem fechar pacotes para visitar, tirar fotos e fazer um “Favela Tour” em algumas cidades do Brasil. Embora ela não negue a sua territorialidade, o sonho de Carolina é ter uma casa de alvenaria (tijolos) e abandonar a favela, pois vê-se que as políticas públicas não alcançam esse povo, cuja água é acessada em um lugar específico de forma coletiva, os esgotos são a céu aberto (o que aumentam os riscos de doenças e infecções), os serviços públicos são distantes, bem como espaços de lazer, que sequer são mencionados na obra.

Em inúmeras passagens da obra, são relatados casos de violência doméstica contra as mulheres. Esse é, inclusive, um dos motivos pelo qual Carolina evita ter relacionamentos. Um relatório anual da organização Anistia Internacional apontou que 62% das mulheres vítimas de feminicídio são negras (2023); já uma pesquisa do Instituto DataSenado revelou que 85% das mulheres negras que sofrem violência, convivem com o agressor e 66% não possuem renda ou têm renda insuficiente (2024). Ou seja, a escolha pela solidão que Carolina faz, mesmo que sofrida, pode ser compreendida quando se olha sob o viés da interseccionalidade. É importante destacar que Carolina Maria de Jesus era, acima de tudo, uma intelectual e sua escrita era pensada e com propósito, ou seja, pensar que suas denúncias ao longo do diário foram mero reflexo da sua realidade é uma tentativa racista de deslegitimar sua inteligência, afinal, como Akotirene nos afirma “A interseccionalidade, conforme vimos, nos coloca na encruzilhada do pensamento feminista negro” (2023, p. 86).

Se antes tínhamos o colonizador falando e escrevendo a história do colonizado, hoje temos Carolinas para narrarem a própria história em primeira pessoa. Falar sobre a negritude e os impactos do racismo em suas vidas sob o olhar do branco é incomparavelmente diferente do que ter um olhar de vivência para isso. Carolina não é uma socióloga ou teórica explicando antropológicamente a fome. Ela vive essa realidade diariamente com seus três filhos, sua escrita possui vivência, é a sua escrevivência. Isso garante para a autora muita verossimilhança para falar da fome, que vem de um lugar de dor, certamente, afinal, só quem vive essa realidade consegue compreender a sua profundidade. Não será ela que, no entanto, definirá Carolina, que é movida sobretudo por sonhos: o de ter um livro publicado internacionalmente, o de comprar uma casa de alvenaria para morar com os filhos e o de conscientizar as pessoas na esperança de transformar a sociedade. Falar sobre o cotidiano no “Quarto de Despejo” sem maquiar ou romantizar tal realidade e ainda assim ser capaz de esperançar quem lê, só pode ser trabalho de uma grande intelectual.

#### 4. CONCLUSÕES

A possibilidade de interpretar essas divisões da sociedade, de ler a cidade e o mecanismo que retroalimenta a miséria e a exclusão a partir das relações sociais, econômicas e políticas só é possível a partir do lugar de fala que ocupa Carolina. Os favelados não fazem parte dos planos da burguesia: “E quando estou na favela tenho a impressão que sou um objeto fora de uso, digno de estar num quarto de despejo” (p. 37). Ela reconhece a posição que ocupa naquela sociedade que a segregava, e, ainda assim, mesmo nos momentos de maior desespero, Carolina tirou forças de onde não tinha: “Hoje não temos nada para comer. Queria convidar os filhos para suicidar-nos. Desisti. Olhei meus filhos e fiquei com dó. Eles estão cheios de vida” (p. 161). Escrever é uma forma de não abandonar a sua essência, mas, mais que isso, é uma forma de resistir. Essa

“escrevivência” é para a escritora, não uma mescla de “escrita” e de “vivência”, mas de “escrita” e “sobrevivência”.

## 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. São Paulo: Jandaíra, 2023.

CRENSHAW, Kimberle. Demarginalizing the Intersection of Race and Sex: A Black Feminist Critique of Antidiscrimination Doctrine, Feminist Theory and Antiracist Politics. **The University of Chicago Legal Forum**: Chicago, 1989. Acessado em 02 ago. 2025. Online. Disponível em <https://philpapers.org/archive/CREDTI.pdf>

DAVIS, Angela. **Mulheres, Raça e Classe**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2016.  
JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de Despejo: diário de uma favelada**. São Paulo: Ática, 2020.

A escrevivência e seus subtextos. In: DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosaldo (org.). **Escrevivência: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo**. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020. Acessado em 20 ago. 2025. Online. Disponível em: <https://www.itausocial.org.br/wp-content/uploads/2021/04/Escrevivencia-A-Escrita-de-Nos-Conceicao-Evaristo.pdf>

Pesquisa DataSenado detalha a violência doméstica contra mulheres negras: desigualdades e desafios. **Senado Federal**, 2024. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/institucional/datasenado/materias/pesquisas/pesquis-a-datasenado-detalha-a-violencia-domestica-contra-mulheres-negras-desigualdades-e-desafios>. Acesso em: 26 ago. 2025.

Mulheres negras representam 62% das vítimas de feminicídio no Brasil, aponta Anistia Internacional. **Portal Geledés**, 2023. Disponível em: [https://www.geledes.org.br/mulheres-negras-representam-62-das-vitimas-de-feminicidio-no-brasil-aponta-anistia-internacional/?gad\\_source=1&gad\\_campaignid=1495757196&gbraid=0AAAAADnS6iBPHVfBHkASJY2xSPBRqji3A&gclid=CjwKCAjwtrXFBhBiEiwAEKen1y3mf8v2o7xc3HAUOXMpCNZpzg7aFewKydx\\_0038fFIfGs4CkEERAhoCGIkQAvD\\_BwE](https://www.geledes.org.br/mulheres-negras-representam-62-das-vitimas-de-feminicidio-no-brasil-aponta-anistia-internacional/?gad_source=1&gad_campaignid=1495757196&gbraid=0AAAAADnS6iBPHVfBHkASJY2xSPBRqji3A&gclid=CjwKCAjwtrXFBhBiEiwAEKen1y3mf8v2o7xc3HAUOXMpCNZpzg7aFewKydx_0038fFIfGs4CkEERAhoCGIkQAvD_BwE). Acesso em: 26 ago. 2025.